

Resumo: A 47ª Assembléia Geral da CNBB, realizada em maio de 2008, aprovou as novas Diretrizes da Formação Presbiteral da Igreja no Brasil. O que se busca é a unidade no processo de formação dos presbíteros em nosso país, desde a formação inicial até a formação permanente. As Diretrizes da Formação constata os desafios atuais para a formação presbiteral, de ordem social, econômica, cultural, religiosa; os desafios internos ao processo formativo, como a exigência de melhor qualificação dos formadores; analisa o processo de formação à luz do Concílio Vaticano II e dos documentos da Igreja no Brasil e na América Latina. Esse documento é uma feliz oportunidade para refletir sobre o ser e o agir do presbítero no contexto das celebrações do Ano Sacerdotal.

Abstract: The 47th General Assembly of the CNBB, held in May of 2008, gave its approval of the new Directory for Priestly Formation in the Church in Brazil. The aim to be achieved is the unity in all stages of formation of priests in our country in its initial stages up to a permanent formation further on. The Directory of Formation takes into account the challenges of today for continuous growth of the priesthood on a social economic, cultural, and religious level, as well as the quest for course offerings intended to provide good qualifications for those entrusted with priestly formation. The process of formation is being analyzed in the light of the Council of Vatican II and the documents of the Church in Brazil and Latin America. It is to be noted that these documents offer a fruitful opportunity for reflection upon the identity and an energetic life of the priests during the commemoration of the year dedicated to the priesthood.

Ano Sacerdotal e a Formação dos Seminaristas

*Pe. Paulo Dal'Bo**

* O Autor é Sacerdote, Presidente Nacional da OSIB e reitor do Seminário Maria Mãe da Igreja, Diocese de Colatina, Espírito Santo.



As novas Diretrizes da Formação Presbiteral da Igreja no Brasil foram aprovadas por unanimidade e com muito louvor na 47ª Assembléia Geral dos Bispos da Igreja no Brasil em Itaici – São Paulo, no período de 22 de abril a 01 de maio de 2009. Falta-nos a aprovação da Santa Sé para que sejam publicadas e vivenciadas no processo formativo. As novas *Diretrizes* levam em conta, especialmente, as mudadas situações da realidade formativa e a riqueza missionária do documento da V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, celebrada em Aparecida (13 a 31 de maio de 2007). A meta é imprimir unidade ao processo de formação inicial dos futuros presbíteros, levando em conta a diversidade cultural e a qualificação de seu processo de formação permanente para que o sacerdócio seja exercido e vivido por autênticos presbíteros-discípulos, presbíteros-missionários e presbíteros-servidores da vida, cheios de misericórdia (DAp 199), “consagrados para pregar o Evangelho, serem pastores do Povo de Deus, celebrarem os sacramentos” (LG 28).

Elaboradas no contexto do Ano Sacerdotal que celebra 150 anos da morte do Santo Cura D’Ars, os Bispos desejam que estas Diretrizes expressem o pensamento do papa Bento XVI sobre o seminário: “O seminário é tempo de caminho, de busca, mas, sobretudo, de descoberta de Cristo. De fato, na medida em que se faz uma experiência pessoal de Cristo, o jovem pode compreender verdadeiramente a sua vontade e em consequência a própria vocação. Quanto mais conheceis Jesus tanto mais o seu mistério os atrai; quanto mais o encontrais tanto mais estareis impulsionados a procurá-Lo. É um movimento do espírito que dura toda a vida e que encontra no seminário uma estação repleta de promessas, a sua primavera”. (Bento XVI, Aos seminaristas em Colônia 19.08.05). As atuais Diretrizes abordam as Coordenadas da Formação Presbiteral (I parte), a Formação Inicial (II parte) e a Formação Permanente (III parte).

O Ano Sacerdotal ressoa em nossos corações como grande dádiva de Deus, inspirando-nos movimentos contínuos de uma Igreja mais acolhedora e amorosa. Para que isso aconteça, não é possível pensar o ano sacerdotal e a formação dos futuros presbíteros de nossa Igreja de forma isolada ou desconectada. Como também não é possível falar de um projeto de formação presbiteral de forma desencarnada. Após muitas consultas, trocas de experiências, reflexões, entre bispos, formadores, formandos e demais pessoas que colaboram no processo formativo, chegou-se a conclusão que as novas Diretrizes deveriam apresentar propostas claras, integradas, ágeis, flexíveis, com um olhar atento e



inovador, e possíveis caminhos esperançosos à luz da fé, que atendam aos desafios da realidade atual.

Estamos vivendo um período em mudança de época em diversos níveis da sociedade. Por isso, para se pensar o processo formativo da Igreja no Brasil, podemos tomar com ponto de partida os seguintes aspectos: a natureza do sacerdócio ministerial e a realidade dos presbíteros e dos que são chamados ao ministério ordenado. Para a sua devida percepção e avaliação crítica, a realidade será vista com os olhos da fé, o auxílio do saber filosófico e das ciências. É preciso conhecer bem a realidade para assumi-la e transformá-la à luz do Evangelho. “A realidade atual exige de nós maior atenção aos projetos de formação dos Seminários” (DAp 318).

As novas Diretrizes apresentam várias realidades e temas pertinentes que merecem atenção especial. Podemos elencar algumas realidades:

Desafios em mudança de época

Na atual realidade, verificam-se situações que afetam e desafiam a vida e o ministério dos presbíteros. Na abordagem dos desafios podem-se destacar “a identidade teológica do ministério presbiteral, sua inserção na cultura atual e as situações que incidem em sua existência” (DAp 192).

O presbítero é atingido pelos desafios da cultura atual porque nela está inserido. Estamos vivendo uma mudança de época que além de alterar paradigmas estabelecidos, questiona, prescinde ou nega os valores de muitas instituições. Esta mudança de época, de um lado, fragmenta a vida e as instituições educativas; por outro lado, clama por pessoas integradas, instituições educativas renovadas e capacidade de ler e interpretar os “sinais dos tempos” (GS 4), no horizonte da fé.

No emaranhado desta mudança de época, destacam-se algumas transformações entrelaçadas cujas consequências são necessárias mensurar sempre, seja em extensão social, grupal, seja em profundidade no coração e na mente dos indivíduos. Analisadas por cientistas sociais e pedagogos, elas carregam dinâmicas inovadoras, embora apresentem riscos e pontos restritivos, carreguem também dinâmicas inovadoras.

Constatam-se mudanças na maneira de lidar com o tempo. Suas características estão no gosto pela rapidez, no centrar-se no instante, nos contatos imediatos e na virtualidade da própria vida. Daí decorre um



descaso com a finitude humana, com a consciência histórica, dimensão fundante de nossa identidade humana e cristã.

São perceptíveis as mudanças no que se refere à comunicação cujas marcas podem ser o pouco dizer e o muito sentir; o deixar-se tocar e seduzir na base do estímulo-resposta, sem espaço para a liberdade de uma escolha responsável. Neste quadro situa-se o estilo de “marketing” e “visibilidade”, provocando o consumo, a mera aparência, o exibicionismo, a obtenção de aplausos e a religião como espetáculo.

Há mudanças na relação com a economia. Além do consumismo, suas características são a tirania do conforto, a busca de facilidades, o esteticismo da vida, a independência no uso do dinheiro, sem preocupação de prestar contas e sem gratuidade.

Há mudanças no que se refere à autoridade e ao poder. Suas características são a auto-suficiência, o democratismo e a competição. Buscam-se posições de prestígio e comando sem referências ao serviço e ao diálogo. A universalização da tecnologia tende a pulverizar o poder, como na internet. A ânsia pelo poder instala-se na mente e no coração das pessoas. A opção é por relações horizontais e abertas sem hierarquia, fazendo da reciprocidade um desafio.

É importante recordar que o pêndulo da história oscila. Há pessoas e grupos que não se dão conta de viverem as consequências das mudanças em andamento. Há pessoas e grupos que reagem às mudanças fechando-se ao real mediante práticas fundamentalistas, com rigidez, buscando segurança em um estilo de vida próprio do passado. Estas posturas revelam como as mudanças afetam a todos e de modos antagônicos.

Existe um desafio em relação à identidade teológica do ministério presbiteral. Dado que “o Concílio Vaticano II estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis e cada um, ainda que de maneira qualitativamente diferente, participa do único sacerdócio de Cristo” (LG 10, DAp 193), existe a tentação de considerar o “presbítero somente um mero delegado ou só um representante da comunidade” (DAp 193). Às vezes não se percebe o sentido de que ele, pela unção do Espírito e por sua especial união com Cristo, é um dom para a comunidade. “Todo sumo sacerdote é tomado dentre os homens e colocado para intervir a favor dos homens em tudo aquilo que se refere ao serviço de Deus” (Hb 5,1).



Outro desafio se refere aos aspectos vitais e afetivos, especialmente para a vivência do celibato e da vida espiritual. Nota-se hoje uma profunda mudança comportamental no modo como as pessoas se relacionam entre si; por vezes se reinventam vínculos afetivos episódicos ou virtuais. Isso interfere profundamente na intimidade de cada pessoa. Está em moda uma simples aproximação afetiva sem gerar compromisso, correndo-se o risco de brincar com os sentimentos alheios. Também na área da religiosidade frequentemente se busca uma espiritualidade difusa, que oferece satisfações emotivas, proximidade e conforto interior. Por outro lado, por vezes, constata-se a falta de vida espiritual intensa fundada na caridade pastoral, que se nutre na experiência pessoal com Deus e na comunhão com os irmãos; a falta de cultivo de relações fraternas com o bispo, com os demais presbíteros da diocese e com os leigos; a falta de mortificação e entrega apaixonada por sua missão pastoral (DAp 195).

Existem também os desafios que são de caráter estrutural, como por exemplo, “a existência de paróquias muito grandes que dificultam o exercício de uma pastoral adequada; paróquias muito pobres que fazem com que os pastores se dediquem a outras tarefas para poder subsistir; paróquias situadas em regiões de extrema violência e insegurança e a falta e má distribuição de presbíteros nas Igrejas do Continente” (DAp 197).

As estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja nem sempre estão impregnadas do espírito missionário. A renovação pastoral e missionária pede que se abandonem as ultrapassadas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé (DAp 365).

Os católicos não-praticantes constituem um grande desafio pastoral que “questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã” (DAp 287). Muitos são os que não participam da Eucaristia, não se inserem na comunidade eclesial, nem atuam como cristãos na sociedade. Acrescente-se a situação dos que têm deixado a Igreja (DAp 225), em meio ao acentuado pluralismo religioso.

Surgem “novos rostos de pobres”, expressando o agravamento das situações de pobreza e sofrimento e o surgimento de novas situações (DAp 65; 402), envolvendo os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Esses rostos interpelam a vida e o ministério dos presbíteros.



Vasto campo de atuação presbiteral é a realidade urbana (DAP 509-519), com seus múltiplos desafios, dentre os quais, destacam-se os “novos aréopagos e centros de decisão” (DAP 491-500), trazendo consigo a urgência da evangelização da cultura. A presença dos cristãos nestes ambientes tem sido pequena. A formação para neles atuar tem sido insuficiente nas comunidades cristãs e nos próprios seminários do Brasil.

A Conferência de Aparecida aponta para desafio de uma verdadeira *conversão pastoral*, da necessidade de estar em estado permanente de missão, de uma pastoral que vá para além de “mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAP 370). Há também o desafio “de viver na Igreja a paixão que norteia a vida de Jesus Cristo: o Reino de Deus, fonte de graça, justiça, paz e amor. Por esse Reino, o Senhor deu a vida” (DGAE 2008-2010, n.46). Tais desafios envolvem a vida e o ministério do presbítero. Uma verdadeira conversão pastoral deve estimular e inspirar atitudes e iniciativas formativas de auto-avaliação e coragem de mudar várias estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações.

Na mudança de época que atravessamos as relações entre fé e comunidade muitas vezes sofrem abalos. Uma nova recepção do Vaticano II se impõe, em que a Igreja Povo de Deus se realize na paróquia “comunidade de pequenas comunidades” (DAP 307-310). Missão e comunidade são duas urgências que se completam; não se opõem. A trans-territorialidade da paróquia urbana exige um novo tipo de padre, que vá em busca dos afastados, excluídos, sobretudo os pobres e esquecidos, demonstrando sempre a atitude acolhedora e misericordiosa.

A ecologia nos últimos anos tem merecido atenção especial da parte da Igreja e de entidades civis. Cresce a agressão ao planeta enquanto natureza. Em contexto mais amplo, a agressão leva ao aquecimento global, ao esgotamento dos recursos naturais e à exploração predatória da natureza. “A agressão é consequência de um modelo de desenvolvimento econômico capitalista-consumista, que privilegia o mercado financeiro e prioriza o agronegócio” (DGAE 2008-2010, n.37). “A devastação ambiental da Amazônia e agressões à dignidade, à cultura dos povos indígenas, por parte de fortes interesses e grupos econômicos se intensificam” (DGAE 2008-2010, n.36).

Os desafios acima mencionados então contemplados nos números 13 a 30 das novas Diretrizes. Além desses, podemos elencar outros como:



- Rotatividade de formadores. É difícil criar consistência num trabalho quando não se tem seqüência. Muitos seminários no Brasil mudam constantemente seus formadores. Há um número elevadíssimo de presbíteros que estão na função de reitores por uma necessidade da Diocese e não por vocação. Muitos assumem o cargo sem nenhuma preparação;
- Situação dos egressos – seminaristas que são encaminhados para outro projeto de vida, procuram outros seminários e são acolhidos por bispos e formadores sem consultarem os formadores anteriores;
- Perda da qualidade dos cursos de Filosofia e Teologia. Muitos Institutos de Filosofia e Teologia encontram dificuldades para reconhecer seus cursos, por isso, fazem parceria com faculdades a fim de reconhecer seus cursos, e se adequam as normas da faculdade e do MEC. Algumas matérias consideradas importantes pela Igreja nos cursos de Filosofia e Teologia, hoje cedem espaços para matérias relacionadas mais ao campo pedagógico.
- Crise vocacional. Na década de noventa e início desta década houve um crescimento significativo de vocações, em todos os sentidos. A revista Isto É divulgou estes dados recentemente. Mas pode-se fazer outra leitura. De um lado constata-se ainda um bom número de seminaristas internos (que são frutos do período de crescimento), mas por outro lado, nos últimos três anos, percebe-se uma baixa no número de jovens que procuram fazer o processo de experiência vocacional e entrar para o seminário. Não podemos afirmar que esta crise esteja afetando todos os regionais da Igreja no Brasil, mas a partir da convivência e troca de experiências entre formadores nos encontros promovidos pela Organização dos Seminários e Institutos do Brasil (OSIB), tanto em nível nacional quanto regional, nos últimos três anos, tem-se observado uma queda significativa de seminaristas e vocacionados, principalmente nos seminários diocesanos e nas congregações religiosas mais tradicionais. Alguém pode estar se perguntando: somente agora isto está acontecendo? Na realidade, altos e baixos sempre existiram no processo formativo. Num período não muito longínquo passamos por esta experiência.



Crise após o Concílio Vaticano II

Os dados abaixo apresentam alguns indicativos da crise pós conciliar:

As conferências de Medellín e Puebla e as pesquisas realizadas após o Concílio Vaticano II atestam que a crise vocacional, na época, se referia a uma crise de identidade. O próprio episcopado brasileiro, logo após o Concílio, é quem melhor faz referência a esta crise de identidade, afirmando que entre os sacerdotes diocesanos e religiosos, cresceu uma onda generalizada de mal-estar, com sérias repercussões. Foi uma crise muito séria, quantitativa e qualitativamente, gerando um desconforto e desistência de um grande número de presbíteros e também de seminaristas. Foi realmente um período de insegurança e interrogações. Com a publicação das diretrizes da formação presbiteral da igreja no Brasil, aprovadas em abril de 1994, a crise muda seu foco. As diretrizes acenam para uma superação da crise de identidade, mas chamam a atenção para outra crise que atualmente ameaça o ministério presbiteral no Brasil. Não é a única, mas o número 20 das diretrizes acena, com muita relevância, para a “crise da sobrecarga de trabalho pastoral, geradora de cansaço, de rotina, de superficialidade na oração e no estudo, de solidão afetiva e de fragilidade”.

Vivendo num mundo que valoriza a dinâmica do descartável, do individualismo e da linguagem imediatista pode-se imaginar alguns outros indicativos:

- O período de formação (duração de todo o processo formativo) das congregações religiosas e do padre diocesano, não é mais um atrativo ou incentivo para os jovens que desejam entrar para a vida consagrada;
- O número crescente de Comunidade de Vida dentro da própria igreja católica, com programas de estudos de menor duração. Muitos jovens preferem esse modelo;
- O pluralismo religioso;
- Falta de empenho e melhores projetos de convite e incentivo aos jovens (por parte da própria igreja); etc.
- Número de filhos reduzidos (famílias menores).
- Perda de status e prestígio do padre, professor e outras áreas de Ciências Humanas.
- Estimulo exacerbado do hedonismo, narcisismo e consumo contra uma estrutura de Igreja mais disciplinada.



- Sistema de formação as vezes muito fechado em comparação as instituições sociais.
- O celibato e o compromisso a longo prazo assustam valores rápidos, imediatos e provisórios.
- etc

Os vocacionados ao sacerdócio vivem em meio a esta realidade e dela provêm, sendo por ela influenciados. Os presbíteros vivem o seu ministério em meio a estas situações, devendo nelas atuar. Por isso, é importante considerá-las no contexto da formação presbiteral. (nº 31 das novas Diretrizes).

Juventude sofre o maior impacto

As novas Diretrizes (nº 33) afirmam que é no campo da juventude que as mudanças de épocas se fazem sentir com maior impacto. Assim, os jovens vocacionados e seminaristas, em geral, apresentam-se carentes de atenção e com projetos próprios fechados ao projeto formativo da Igreja; pedem horizontes de sentido de vida que os liberte das fragmentações, embora resistam ao conhecimento maior de si mesmos; sonham com um caminho que dê certo. Com a vocação, buscam um dinamismo que lhes traga contentamento, sentido e realização. A vocação como fenômeno humano se inscreve, pois, na profundidade da pessoa em sua busca por mais ser. Com efeito, na dinâmica evangélica, a vocação humana se caracteriza pelo desejo de realizar a vontade de Deus e deixar-se transformar por ela (Rm 12,2).

O nº 34 menciona que a desigualdade de oportunidades para a inserção nas transformações culturais em curso no universo da juventude trará também diferenças entre os jovens vocacionados. O documento *Evangelização da Juventude* constata: “A pós-modernidade não substitui a modernidade. As culturas vivem juntas. Os valores da modernidade continuam sendo importantes para os jovens: a democracia, o diálogo, a busca da felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade. Uma Igreja que não acolhe estes valores encontra grandes dificuldades para evangelizar os jovens” (n.13). Merecem ser lembrados, em especial: “a subjetividade, as novas expressões de vivência do sagrado e a centralidade das emoções” (n.15).



Viver melhor: Ano Sacerdotal e formação dos futuros presbíteros

A partir das realidades apresentadas é possível imaginar que o processo formativo exigirá dos bispos, formadores, formandos e leigos, muito trabalho, profissionalismo e vida de oração. Por onde começar? O que fazer? O ano Sacerdotal pode ser um bom começo. Mas como os seminários podem viver o Ano Sacerdotal buscando elementos eficazes que favoreçam um processo formativo mais integrado?

A Organização dos Seminários e Institutos do Brasil (OSIB) oferece vários cursos e encontros durante o ano, em nível nacional e regional para formadores, formandos e profissionais que colaboram no processo formativo, com temas relacionados às situações mais emergentes. Neste Ano Sacerdotal, por exemplo, a OSIB nacional está refletindo a “FORMAÇÃO PRESBITERAL EM MUDANÇA DE ÉPOCA”, perpassando as cinco dimensões do processo formativo (dimensões: humano-afetiva, comunitária, espiritual, pastoral-missionária e intelectual) em dois módulos, o primeiro em julho (Fortaleza) e o segundo em janeiro de 2010 (São Paulo). Todo este esforço é válido, mas não é o suficiente. Para se chegar a uma consciência mais ampla do Ano Sacerdotal é necessário iniciar um trabalho internamente entre presbíteros e formandos. Não se pode esperar que somente os seminaristas busquem estabelecer algum tipo de diálogo e relacionamento com o clero atual. É preciso que os presbíteros também se envolvam no processo. Se fizéssemos uma pesquisa em nível nacional, chegaríamos a um percentual elevadíssimo de presbíteros que não freqüentam os seminários e não se envolvem no processo formativo. Para que o Ano Sacerdotal seja um elo de comunhão e participação entre presbíteros e seminaristas, a OSIB sugere alguns elementos simples, mas que poderão produzir bons frutos:

- Encontros de reflexão entre presbíteros e seminaristas (troca de experiências);
- Retiros espirituais conjuntamente;
- Que os seminaristas preparem com muita criatividade: a) momentos fortes de oração semanalmente relacionados ao ano sacerdotal; b) Adoração ao Santíssimo, ao menos na primeira quinta-feira de cada mês; c) Tríduo vocacional, principalmente no mês agosto, etc;
- Temas específicos para seminaristas, assessorados pelos próprios presbíteros;
- Momentos de lazer;



- Visitas dos presbíteros aos seminários periodicamente;
- Visitas dos seminaristas às paróquias;
- Eventos diocesanos preparados conjuntamente;
- Visita dos formadores e demais presbíteros às famílias dos seminaristas;
- Que os bispos incentivem e valorizem estas parcerias;
- Além desse trabalho interno, é preciso que todos (bispos, presbíteros, seminaristas, religiosos, religiosas, leigos e leigas) se empenhem na formação de base nas famílias e comunidades, criando equipe vocacional paroquial e valorizando todo o trabalho da Pastoral Vocacional (ou Serviço de Animação Vocacional);
- Etc...

As novas Diretrizes apresentam uma gama enorme de temas que nos ajudam a compreender e viver melhor o Ano Sacerdotal e o processo formativo da Igreja no Brasil. Segue alguns temas de grande relevância que as Diretrizes apresentam:

- Fundamentos teológicos da formação presbiteral;
- Os sacramentos do Batismo e da Confirmação como fonte do seguimento de Cristo;
- O sacramento da Ordem como fonte da configuração sacramental a Cristo Cabeça da Igreja, e a identidade do presbítero;
- Identidade, vida e missão do presbítero;
- O presbítero diocesano;
- O processo formativo;
- A importância da Pastoral Vocacional;
- Os responsáveis pela Pastoral Vocacional;
- Seminário menor e institutos afins;
- O Propedêutico;
- Espaços da formação específica;
- Requisitos para o ingresso no seminário ou casa de formação;
- Objetivos e exigências da formação;
- Instituições de nível fundamental e médio;
- Instituições para o estudo de Filosofia e Teologia;
- O ano pastoral. Como será desenvolvido?
- Tempo de iniciação ao ministério eclesial – Rito de Admissão como candidato às Ordens Sacras;
- Tempo de formação para os ministérios de Leitor e Acólito;



- Tempo de formação e preparação para as ordenações: Diaconal e Presbiteral;
- Pedagogia e itinerário formativo;
- As dimensões da formação presbiteral: humano-afetiva, comunitária, espiritual, pastoral-missionária e intelectual;
- Perspectivas para a formação permanente dos presbíteros;
- Pastoral presbiteral;
- Formação especializada;
- Etc.

Em nome da OSIB desejo muita luz, saúde, paz, bênçãos e graças a todos os bispos, presbíteros, formadores, formandos e todo povo santo de Deus.

Vida longa e feliz para todos

... A vida é mais do que paixões, é amor, sonhos e canções...

A vida é mais do que prazer. A vida é encontrar-se, viver e ser feliz.

A vida é alegria, inspiração e brilho. É um misto de trabalho, cansaço e prazer.

A vida consiste em lágrimas, sofrimentos e um grande esforço pra sobreviver.

A vida é uma luta constante por liberdade, é um encontrar-se com suas emoções e sensibilidades.

A vida é um inclinar-se sob uma força Maior, e ao mesmo tempo, um esforço para subir, voar e ser feliz.

A vida é aproveitar as oportunidades, enquanto outros dormem e buscar a felicidade.

Assim como o dia é um instante da vida, a vida é um instante da eternidade.

A vida é uma única viagem, não sabemos como e onde chegar.

A vida é uma arte onde todos são artistas. Podemos conhecê-la, aprender a vivê-la e sermos felizes...

Que o Ano Sacerdotal e as novas diretrizes ofereçam espaços privilegiados do encontro com o Senhor Jesus, para que o ser humano se encontre na *vida*, seja feliz e saiba fazer da *vida* um instrumento sereno, humilde e forte da presença do Deus da *vida* que quer *vida* em abundância para todas as *vidas*...

Endereço do Autor:

Av. Coronel Manoel Nenus, 1415

Jardim Tropical

29162-010 Serra, ES